

SÃO JORGES

FANZINE DA COMPANHIA SÃO JORGE DE VARIEDADES

NÚMERO OITO | 2010

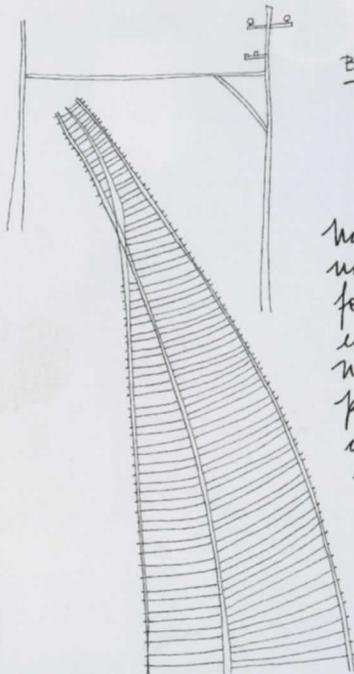


BARAFONDA

FCB RIBUJATECA

“Barafonda” - s.f. 1. situação em que não há controle ou ordem, na qual um grupo de pessoas produz tumulto, pandemônio. 2. mistura desordenada de coisas diversas; mixórdia, baralhada, bagunça. 3. bordado de agulha sobre pano desfiado; crivo. 4. aglomerado populacional onde havia confusão e balbúrdia.

cibele lucena



BARRA FUNDA: barafonda fuzarca, misturada, mixórdia, confusão. Situação sem controle, sem ordem

nas últimas décadas do século 19 na cidade de São Paulo, chácaras foram lotadas e a construção de estações de trem trouxeram novas atividades econômicas para algumas regiões. É o caso do Bairro Barra Funda, conhecido por sua origem ligada aos imigrantes operários italianos e trabalhadores negros

Chegamos ao final de uma primeira etapa de nosso projeto Barafonda, que se estenderá por pelo menos mais dois anos! ou quem sabe, por uma vida, enquanto habitarmos na Barra Funda. Bairro com muitas histórias, e muitas delas pouco conhecidas. Quem sabia, por exemplo, que a primeira linha de bonde elétrico inaugurada na cidade fazia o percurso da Barra Funda ao Centro, ou melhor, fazia a ligação da Chácara do Carvalho (casa do antigo prefeito Antônio Prado) ao Largo de São Bento (residência de sua mãe)! Ou ainda, que o primeiro cordão carnavalesco de São Paulo - "cordão do Grupo da Barra Funda" - foi criado por Dionísio Barbosa, morador da Rua Vitorino Carmilo.

“Alô alô gente bamba, na Barra Funda é que mora o samba!” (Geraldo Filme)



A Barra Funda surgiu com a vocação de bairro operário. Ali habitavam negros e imigrantes, tal como em outros bairros de São Paulo, como o Bexiga. Mas ao contrário desse e de outros, sempre ficou um pouco esquecida pela especulação imobiliária, apesar de sua proximidade com o centro e da facilidade de transporte. Para o bem e para o mal hoje a situação vem se modificando. Em tempos cada vez menos espaçados, casas são demolidas e no lugar surgem grandes torres de apartamentos. Vários imóveis encontram-se abandonados à espera de uma "valorização" e, paralelo a isso, uma grande quantidade de pessoas vivendo na rua.

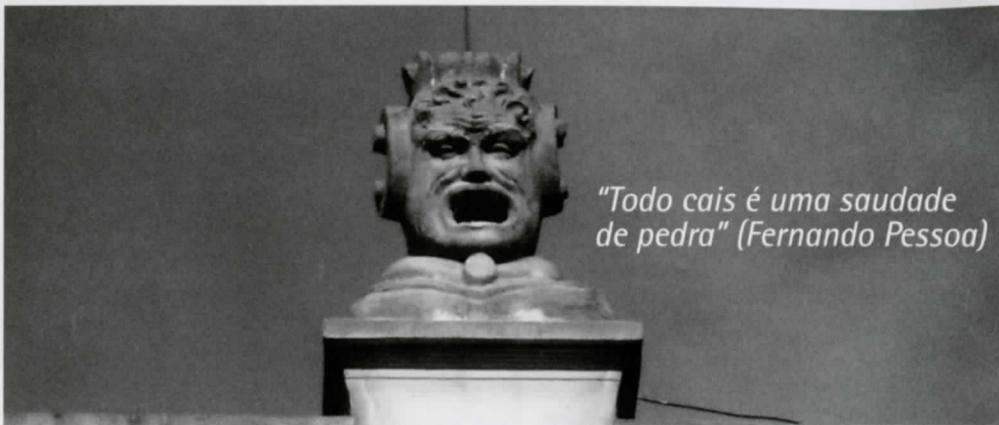
Nos últimos anos, com o plano mirabolante e ironicamente "democrático" de se revitalizar o bairro da Luz e parte do centro da cidade, os moradores de rua da região migraram para outras áreas e bairros próximos. A "cracolândia" da Luz se transformando na "cracolândia" da Barra Funda. Pensando um pouco não é difícil imaginar que isso iria acontecer. Uma rua, um prédio, uma praça podem ser revitalizados, e o ser humano? Sabemos muito bem quais são as intenções dos que comandam, daqueles que querem maquiagem, limpar, esconder as diferenças, esquecer a história. Apagar nossa história de massacres, de desigualdades sociais e as heranças de um país escravocrata. Para nós artistas resta apontar as contradições, beber do coração dessa Barra Funda e tentar criar e sobreviver entre prédios, escombros, samba e sangue.

Nosso primeiro desejo ao elaborar o projeto, foi conhecer melhor o chão onde pisavam nossos pés, não só num sentido literal, por estarmos sediados na Barra Funda, mas fomos também em busca do teatro e sua origem, dos ritos dionisíacos, dos coros. Propusemos sete experiências cênicas, cada uma dirigida por um integrante. Para alimento da pesquisa fizemos encontros teóricos com Sandra Sproesser, Luís Alberto Abreu, Otilia Arantes, Lucas Janoni, Iná Camargo Costa, Bernardo Lynch; encontros práticos com Ilo Krugli, Juliana Monteiro, Silvana Marcondes, Julio Dojesar, Luis Gayotto, Jorge Garcia, Marcos Davi, Eleonora Fabião (via Patrícia Gifford) e também encontros que batizamos de "Sopa e Cachaça", para ouvir histórias de moradores e conhecedores do bairro: Seu Miguel Arcanjo, Seu Fadel, D. Inês e Seu Carlos, Seu Lineu e a esposa Rose, a professora Odete Seabra, Barão do Pandeiro, Heron Coelho...

Ao final de tudo mais ou menos sedimentado, temos sete maneiras muito diferentes de abordar um conteúdo muito vasto. Para este número do fanzine, deixamos para cada um dos atores contar um pouco sobre suas escolhas.

São sete criações e muitas criaturas envolvidas: nosso mais profundo agradecimento pela colaboração de tantos artistas queridos, parceiros criadores, que estiveram conosco nessa Barafonda! Evoé!





"Todo cais é uma saudade de pedra" (Fernando Pessoa)

Sentar para escrever esse texto inevitavelmente me leva a uma questão: como se deu esse processo criativo? Prefiro elaborar a pergunta dessa maneira, do que pensar "como eu organizei esse processo", pois percebo cada vez mais que talvez pesquisa em teatro seja sinônimo de trajetória vivida. Experiência compartilhada. Mais do que o artista comandar o leme do barco, compreender que é preciso viajar com o barco e deixar-se conduzir de um cais a outro. Tentarei então compartilhar um pouco da descrição desse cais e depois da jornada em si. Os sete atores da Cia. São Jorge se propuseram, a princípio, investigar as possíveis conexões entre: a idéia de coro nas tragédias e comédias gregas e a história da Barra Funda. A partir desse pré-suposto passamos a criar as bases para cada investigação específica. No meu caso, particularmente, uma das primeiras coisas que surgiu como norte foi a compreensão de que na pólis grega a tragédia significava a suspensão de um tempo cívico, uma interrupção. Nesse sentido, depois de passar pelo processo de construção do espetáculo "Quem não sabe mais quem é, o que é e onde está - precisa se mexer", fruto de um mergulho da Cia. São Jorge de Variedades na obra do dramaturgo Heiner Muller, eu ainda estava interessada por essa idéia de um "legado da interdição" (contribuição do diretor e dramaturgo José Fernando Azevedo). Então, interromper e suspender passaram a ser os meus

objetivos: como criar uma intervenção que fosse capaz de colocar o espectador em suspensão, em estado de interrupção? Outras obsessões antigas, sobras do processo criativo do "Quem (...)" ainda estavam presentes em mim também: a imagem dos mortos (fantasmas) que acordam os vivos e a necessidade de qualificar minha experiência pessoal num sentido histórico. Com os encontros "Sopa e Cachaça" na sede, as leituras sobre a história da Barra Funda, as aulas de história do Brasil com o professor Lucas e tantos outros encontros realizados dentro desse projeto, aos poucos foram se efetivando as ligas entre a peça "Quem não sabe (...)" e a pesquisa Barafonda. Na Barra Funda, região que desde a sua fundação se desenvolveu muito rápido por conta da vinda das indústrias, sempre teve, e ainda tem, um certo fantasma a rondar: o progresso. Esse assunto me pôs em movimento. A rua Lopes de Oliveira, onde está a sede da Cia. São Jorge, começa na linha do trem e termina no Minhocão. Passado e presente, portanto, se encontram. Comecei então a refletir sobre futuro. Como esse fantasma chamado progresso, ou revitalização (contribuição da professora Otilia Arantes) iria agir num futuro próximo? O que seria da sede Casa de São Jorge no ano de 2062? A partir daí, me parecia que o cais estava minimamente estruturado e o barco, portanto, já poderia sair em jornada. Na viagem então começaram a surgir as imagens:

Imagem 1 _A sede como um circo de horrores. Usar como referência a Monga ou a Eva do Playcenter (saudosas imagens da infância). Clima bagaceiro, porém sinistro. Um lugar onde os "freaks" ficam. Uma temperatura diferente. Um lugar mais frio. Uma mudança térmica brusca. Uma intervenção que mexesse de forma radical com as sensações do espectador. Que na entrada tivesse casaquinhos para o público vestir. Onde os mortos ficam? Onde nós atores da Cia. São Jorge aparecemos velhos? O futuro. O futuro é aqui. A memória do futuro. Como pensar na criação de uma memória póstuma? Uma pesquisa para cada ator realizar: como eu estarei quando ficar velha? Como eu serei? Do que vou morrer? Quais serão as máscaras físicas da minha velhice? O lugar dos "freaks" Onde nos transformamos. Nós, os artistas da Barra Funda somos os "freaks" do bairro?

Imagem 2 _Um coro de guias turísticos chega correndo disputando os turistas (espectadores). Um deles dá um pau nos outros e finalmente fica sozinho com o público. Esse guia turístico será o condutor do trajeto, ou seja, será a figura que irá mediar todo o encontro. Passeio cultural turístico pela Barra Funda. Possível entrada em diversos pontos do bairro para desenvolvimento de cenas.



Imagem 3 _Visceras guardadas na bolsa. Alguém que procura algo. Procura, procura e remexe as próprias vísceras. É preciso muita víscera para lidar com o mundo como hoje se encontra.

Imagem 4 _Radialista e sambista Plínio Marcos sentado numa poltrona com microfone, em cima de um carro, dialogando com as pessoas na rua. Contando histórias do mundaréu pelo bairro. Passeio pela Barra Funda com esse palco-carro. Um programa de rádio, ao vivo? Investigação de narrativas colhidas durante todo o projeto Barafonda?

Imagem 5 _Criar figuras que são resultado do que a cidade fez delas: um operário dos anos 20 suscetível à cólera e à variola ou um jovem negro pobre suscetível ao crack ou, ou, ou.... Investigar essas figuras, filhas da cidade de São Paulo em diferentes períodos históricos da Barra Funda.

Imagem 6 _Uma enxotadora de pombas. Enxotadora de urubus. A guardiã dos restos. Guardiã dos escombros.

Imagem 7 _Um homem chamando a amada na janela. As janelas não se abrem. Ele insiste, grita, tenta. Não há resposta.



Contam que se ouvia a música vinda dos porões. Eram os tambores soando da terra. A Barra Funda foi o berço do samba paulistano. Era ali que se localizavam os clãs africanos urbanos.



Após esse primeiro momento de criação de imagens o próximo passo foi entender como lidar com elas. Com tantas possibilidades era necessário selecionar os interesses para poder literalmente dar corpo a eles. Recorri então ao encontro com Luis Alberto de Abreu: "Tentar identificar o que no material escolhido para a intervenção toca o ator. Entender em que intensidade toca. Ficar atento para tentar reproduzir a intensidade (...). O material é um outro. Deixar-se conduzir por esse outro." Assim, com o tempo algumas imagens ventaram e outras pousaram. Me decidi, então, por um experimento que começasse como um passeio turístico pelo bairro e depois entrasse na sede para se encontrar com a memória póstuma da Companhia São Jorge de Variedades.

Portanto primeiro 'aqui fora' e depois 'aqui dentro'. Esse passeio fora teria por objetivo abordar a questão do progresso na Barra Funda de forma mais sensível: encará-lo como a noção utilitária que passa a se dar no cotidiano. A casa passa a ser apenas o espaço de chegar, dormir, se banhar e logo sair e trabalhar. Trabalhar, trabalhar, trabalhar. Verbo exaustivamente usado na nossa São Paulo. Já o passeio turístico, como regra de jogo, teria por proposição olhar a Barra Funda de 2010 com olhos

de estrangeiro. Olhos que buscam reconhecer e talvez compreender um pouco mais essa cidade São Paulo.

O 'aqui dentro' traria a idéia do futuro, um salto para o ano de 2062. Propus então a cada ator que escrevesse um texto em resposta à pergunta: do que é que se vai morrer? Uma tentativa de colocar os parceiros de cena numa reflexão sobre passado, presente e futuro e também, é claro, sobre a condição humana: "somos aqueles que ora são e ora não são" (contribuição da professora Sandra Sproesser). Além dessa tarefa, pedi também a cada um que trouxesse um objeto, foto, amuleto que acionasse uma chave pessoal de lembrança de seus antepassados: avós, pai e mãe etc... Isso porque quando olhamos para nossos pais ou avós é mais fácil imaginarmos como ficaremos na velhice, além de tentar estabelecer um campo de jogo com a memória real de cada um. A crença de que o contato com a memória pessoal pudesse acionar um estado mínimo de suspensão para o próprio ator.

Entramos então propriamente em sala de ensaio e nos concentramos no 'aqui dentro'. Improvisamos algumas vezes tendo como possibilidade o uso dos textos-fragmentos que foram pedidos na tarefa.

Em dois desse dias contamos com a presença de Ilo Krugli. Essa experiência foi decisiva para a jornada, pois o olhar generoso dele e a presença sempre conectada com a experiência real do aqui e agora, sem pressa e sem necessidades de grandes acertos, nortearam a feitura da cena.

Foi aí que o processo criativo foi invadido por um filme documentário que assisti no mês de julho: "Dzi Croquettes" Sai do cinema enlouquecida por aquela intensidade. O grupo revolucionou os palcos cariocas com seus espetáculos andróginos. Desobedientes e debochados, com seus sapatos de salto alto e as roupas femininas propositalmente exibindo as pernas cabeludas, Dzi Croquettes era de uma força semelhante a um furacão. Depois de assistir ao documentário só queria saber de dançar e imitá-los. Fiquei um longo período tentando entender como juntar os meus desejos seguindo o conselho de Abreu e observando a intensidade das coisas. A visualidade colorida e exagerada desse grupo e a energia de suas coreografias, aos poucos foi me dando a idéia de colocar um coro à la Dzi Croquettes dançando no meio da cidade de São Paulo. Aí passei a olhar para a cidade e me perguntar o que dançaríamos? Podíamos dançar o CRACK. Essa pedra que tem habitado toda a

região da Barra Funda mas ninguém fala sobre. A percepção de que o CRACK tem se espalhado pela região de forma tão intensa como a febre e loucura gerada pelas performances desse irreverente grupo da década de 70. Esbocei então, uma música possível para essa coreografia lançando a questão: "Eu sou o CRACK. Quem olha pra mim? São Paulo, vais comigo até o fim?"

Organizando esse relato agora, se confirma a crença de que a experiência vivida durante a jornada é que comanda o leme do barco no processo criativo. Com o furacão Dzi Croquettes, meu experimento se reorganizou por inteiro: agora começaria na Praça Marechal Deodoro com uma performance de dança lançando a pergunta sobre o CRACK, depois disso o público receberia um livro-guia turístico conhecendo alguns espaços importantes na memória da Barra Funda e caminharia até a Casa de São Jorge, onde encontraria a memória póstuma da Companhia posta em cena.

Esse é propriamente o ponto em que estou do processo. Na semana que vêm a experiência de abrir ao público as intervenções irá certamente nortear novos rumos e novamente o barco sairá em jornada.

Confesso, que nessa reta final, tenho saudades de ser um pouco pedra.

PAULA KLEIN



desejo:
homenagear dioniso,
o deus do teatro,
nosso deus
através de seu coro,
servir de sacerdotisa



Julio dojcsar

BACO A BARRA FUNDA
TE CANTA E TE LOUVA
EVOÉ!

orientação dramatúrgica:
pensar em personagem
JEZEBEL, o espírito do bairro,
manifesta-se

inspiração:
coro de cabras
pastor ia de porta em porta
a criança
com a canequinha na mão
escolhia de qual cabritinha
queria o leite

CIA. SÃO JORGE DE VARIEDADES
sai em coro
pela rua lopes de oliveira
canta poemas do castro alves
dança e gira bebendo
licor selvagem de uvas e ervas
quando a cabrita de um chifre só,
a mais amada e pequenina,
some
o coro lamenta essa ausência
invade os cortiços e os comércios
para procurar a jóia perdida
lá, dentro da mercenaria,
está a cabra de um chifre só
algo nela mudou
e algo continua igual festa!
encontro e celebração
o coro continua
seu eterno movimento
até o próximo bairro,
cidade, país ou rua

experimento grego/barrafundista
com um pé na folia de reis



ALEXANDRE KRUG



barafonda

A Barra Funda como espaço mítico. Um território estranhamente alijado do tempo, detido sem estardalhaço, como se de algum modo improvável tivesse conseguido, ali encostado ao muro do trem, se camuflar e passar despercebido ao longo do século, e assim continuasse, como à espera de alguma coisa, enquanto vai preservando uma memória tão intensa quanto invisível, à primeira vista. Vamos passando, vivendo, e aos nossos olhos desavisados a cidade está ali, 'normal', fluindo laboriosa. As entrelinhas são cinzentas, os silêncios perturbados. A proximidade do centro confunde, o trem divide em dois, o Minhocão delimita e estreita, o Memorial sofisticada, neutraliza, a paisagem é difusa. E o trânsito é um mar, em permanente rumor.



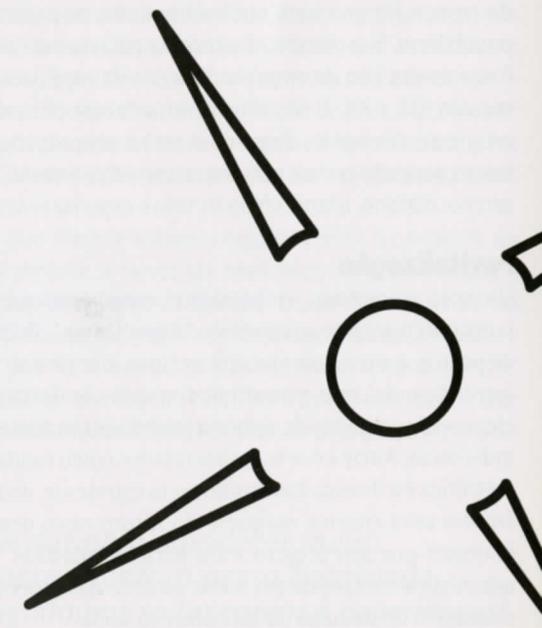
Mas algo inquieta, intriga. Sabemos que há algo além, ali. Que não se deixa apreender, que escapa à aproximação. E da sensação de não-pertencimento, de alienação que nos caracteriza como seres urbanos modernos, surge o desejo imenso de saber que território é esse em que estamos localizados há já alguns anos. Intuímos que esse lugar, assim distraído como aparenta, tem algo importante a nos dizer e está necessariamente em diálogo com a história de toda a cidade, com a nossa própria identidade de cidadãos paulistanos e brasileiros.

E assim mergulhamos na história da Barra Funda. Muitas leituras e conversas. Nesse movimento ficamos sabendo das populações da São Paulo do séc. XIX, da política vigente então e sempre. Do deus econômico imperando então e sempre. Da várzea original, da Chácara do Conselheiro Antônio Prado. O surgimento das ruas em 1890. Da vocação boêmia e artística do bairro. Dos negros e italianos, esses "homens pobres livres" do Brasil republicano. E buscamos inspiração no coro. O coro-entidade, força ancestral da expressão humana. A instância coletiva do coro como a forma de trazer um outro discurso, que se diferencie da voz individual do artista, sempre isolada no turbilhão urbano. Um desafio para nós modernos: uma estética coletiva que traduza de fato um pensamento coletivo.

E da história para a paisagem, e para a concretude do bairro, as casas, os horizontes, os recantos, as portas, as esquinas, as pessoas. Esses "passantes" da Barra Funda, que apenas passam o dia aqui e vão embora, e os enraizados, totens humanos que reservam em si histórias e vidas, e que no fim são o lugar, quase mais que o próprio lugar. Como apreender tudo isso? Essa barafunda brigando com a própria identidade, mas que vai resistindo do jeito que dá, na dela. Intuitivamente me debruço sobre o mapa-corpo da Barra Funda, como faria Quintana com Porto Alegre. Me disponho a pôr em diálogo sua geografia com sua história, com todas as liberdades ficcionais que a arte me permite. Me fascino pelo cruzamento da Lopes de Oliveira com a Vitorino Carmilo. Aquela improvável rotatória rodeada de perspectivas

num mundo dominado por semáforos. As quatro esquinas como quatro lados por onde olhar a Barra Funda. Meu ponto de partida então é o espaço. Imagino trajetórias, fantasio fantasmas transitando pelas ruas. Meus olhos vêem o cruzamento como um cenário, ou uma arena de luta. A Lopes do Oliveira, a rua de nossa sede, um símbolo: indo do trem ao Minhocão, ela vira um eixo, uma passarela, onde forças necessariamente divergentes, que nos moldam e acompanham, hão de se encontrar. Coros itinerantes pela Barra Funda, atizando o sentido histórico dos lugares, passando e provocando, perturbando o cotidiano e divertindo, fustigando mesmices, cada um à sua maneira muito própria.

Nasce a idéia de quatro coros que se encontrariam, se topariam na rotatória, cada qual com sua força, sua idéia, sua linguagem, sua estética, seu discurso. Esse encontro, essa barafunda contrastante de lados e visões, vem como uma tentativa de compreender a Barra Funda. Apreender o seu significado. De cada coro, entrincheirado em sua esquina, disputando a arena da rotatória, colocando em jogo sua visão de mundo, quero buscar o que há de vital e verdadeiramente coletivo, forte.





berço do samba

O primeiro coro inspira-se nos trabalhadores do antigo Largo da Banana, lugar da Barra Funda que desapareceu em reformas urbanísticas do século e onde se gestou boa parte do samba paulistano, alimentado pelas raízes das festas populares do interior. Esse coro é telúrico, essencialmente alegre e dionisíaco, um Tíaso: um cortejo barulhento, que busca o êxtase. Não está preocupado em apresentar nada ao público, mas sim com a vivência, a brincadeira entre os membros do coro. Sua alegria, seu barato e seu meio de expressão primordial é o movimento coletivo, e a música. Não utiliza linguagem verbal, exceto quando canta. Está aquém dos discursos articulados. É um coro 'selvagem'. Trazem a liberdade dos fantasmas, dos que nunca podem ser aprisionados, porque escorregam pra fora. Tocam com objetos cotidianos, instrumentos de trabalho: latas de lixo, caixas de engraxate, panelas, tábua de lavar etc. O coro inicia na Rua João de Barros, antiga Rua do Samba nos anos 70, com um jogo inspirado nas rodas de tiririca, o samba com rasteira de antigamente, e vai parando nas janelinhas dos porões das casas antigas, de onde, diz-se, se ouvia outrora o samba soar.

o sonho de lopes

Inspirado no republicano Lopes de Oliveira, de quem pouco sabemos, mas que está na Barra Funda como rua desde a fundação do bairro, um ano após a instauração da República; traz os ideais dessa época: o positivismo, a crença na civilização, no progresso, na ciência. Esse coro parte da passarela sobre a linha do trem, o mesmo trem que existiu antes do próprio bairro, a artéria de riqueza milagrosa que tudo possibilitou. Seu discurso é a própria palavra humana que faz brotar o bairro sobre a antiga várzea: a força do espírito de empreendimento da raça paulistana, notada por tantos cronistas ao longo dos séculos XIX e XX. O seu altruísmo, o "amor por princípio", vem como parte otimista da crença no progresso. No centro desse coro está o próprio Lopes, como corifeu que faz do seu sonho o próprio bairro, rodeado por alegorias que caminham como sobre nuvens, conferindo ao coletivo um aspecto sereno, diáfano, ufano, cheio de brio e orgulho cívico. Sua estética é a da simetria, da beleza clássica.

revitalização

Um coro escrachado, verborrágico, exagerado, que pretende remodelar inteiramente a Barra Funda, lançando o projeto urbanístico "Barra Limpa". Políticos, engenheiros, celebridades, promoters, vêm dispostos a derrubar imóveis antigos e melhorar o padrão do bairro, 'revitalizando', 'limpando', 'gentrificando', mas garantindo um lugar de destaque para a cultura e o patrimônio histórico, como elemento agregador de valor na sociedade moderna, onde o que importa é a segurança e o bem-estar individuais. A arte e o artista são tratados como fundamentais coadjuvantes neste processo de 'limpeza'. A estética é a do espalhafato, do apito estridente, do discurso de palanque, do sorriso de orelha a orelha. Trazem uma enorme maquete do futuro novo desenho do bairro, onde se vê inequivocamente as benesses que seu projeto trará para os cidadãos. Sua trajetória começa no Minhocão, aberração urbanística construída em nome do desenvolvimento desenfreado do qual são herdeiros, agora sob a roupagem do discurso do saneamento social.



galvez e a paisagem

Um coro existencialista, inconformado com o estado das coisas. Põe em evidência a eterna presença, nesta Barra Funda, da estirpe dos artistas, dos outsiders por natureza. Inspirado em figuras como Mário de Andrade, Piolin e Mazzaropi, mas principalmente nos novos grupos de teatro que vem se transferindo para o bairro, seguindo aquela tradição. É um coro diferente: sua unidade vem da diversidade expressa na criatividade da atitude de cada artista. Nesse sentido é o coro mais 'real': os elementos não são personagens, mas as projeções de si mesmos, artistas que colocam sua atitude em ação, no que vestem, no que dizem, individualmente e ao mesmo tempo unidos em uma voz. São artistas-xamãs. Sua estética é a do ritual de purgação. A cidade está doente. E o mundo cego. "Há que se povoar outra vez a casa do olhar", cantam eles. O ritual pode ser simplesmente descrever o que se vê, relatar os sintomas da doença. Seu corifeu é Galvez, pintor modernista esquecido, cuja casa ainda está ali a alguns passos, na Lopes de Oliveira, milagrosamente intacta, símbolo perfeito dessa Barra Funda que espera pacientemente por alguma coisa. Sopros variados de bambus, trompete e chifres dão a sonoridade dessa performance e alimentam o seu ritual.

Desse encontro épico, dessa repentina condensação naquela esquina, dessa perturbação da fluidez do espaço público, dessa disputa histórica pelo território, pelo chão, não sabemos o que sairá. Talvez apenas um instante que dê o sentido trágico da nossa realidade. Pois é um embate de morte. As forças em oposição não se permitem realmente conciliar. "Isso não é uma pólis, é um grande entreposto", canta o coro dos artistas quando convidado a ajudar a revitalizar o bairro. No final, Lopes de Oliveira e uma atriz-Dioniso sintetizam a suprema contradição: progresso e felicidade, ideais que herdamos e verdade, civilização e realidade. O asfalto é duro. Entretanto, arbitrariamente nos atrevemos a proclamar este cruzamento o Novo Largo da Banana. Poeiras da arte. Uma ficção de uma ingenuidade plenamente consciente; e tanto mais porque esta ficção sabe que nos dias de hoje quem resiste o faz dentro da ordem, de um sistema que já está dado. Mas a ficção resiste mesmo assim, debruçada sobre suas incoerências.

Por último, me ocorre dizer quase o óbvio, mas que merece sobremaneira ser dito: o encontro na rotatória é só metade desse experimento. A outra metade, e talvez até mais importante, é o andar, o trajeto dos coros de seus lugares simbólicos até esse Novo Largo da Banana. Os caminhos e as trilhas que ficam por eles, por entre as gentes, os comentários, participações, incômodos, risadas. O desafio é trabalhar pela poética das imagens, das ações, dos movimentos coletivos, muito menos que por discursos articulados. Se o personagens se definem pelo que fazem, e não pelo que dizem, queria que esses coros existissem pelo que desenham, experimentam, vivenciam, por seus corpos, muito menos do que pelo que discursam.

Resta-me então aproveitar para agradecer muito a todos os coreutas dessa aventura nessa Barafonda, meu mais sincero obrigado por se lançarem à experiência!

PATRICIA GIFFORD

Meio dia - hora do almoço

8 pessoas e um cachorro saem de um imóvel com diversos objetos: uma cafeteira, tintas, um teclado, violão, objetos antigos, livros, jornais, sapatos, milho de pipoca, livros de horóscopo, um colchão, duas mesas, três cadeiras, um carrinho de supermercado, bolo de festa, rádio, pincéis, cerveja, caixas de madeira, toalhas, álbum de fotografias etc ocupam, durante uma hora, a calçada da rua Lopes de Oliveira, altura do número 346

A Cia. São Jorge está há três anos na Barra Funda. Mais precisamente na Barra Funda de cima, no 342 da Lopes de Oliveira. A Barra Funda é grande... Nós pequenos, enfiados no fundo de uma antiga oficina para carros. Emparedados, mas não escondidos. Nós gostamos de aparecer e 'dar o ar da graça' pros metros quadrados mais próximos que nos cercam. Somos o 'pessoal do teatro', assim somos nomeados pela nossa pequena rede de relações.

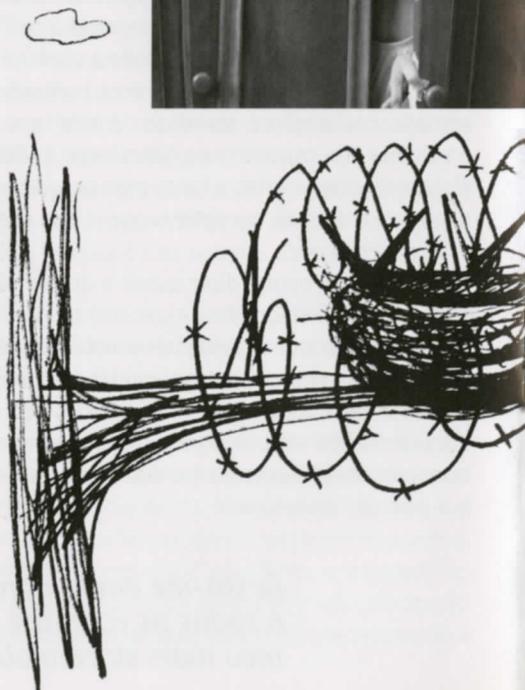
'Pessoal do teatro' - sem dúvida que não há glamour nenhum nesse título. Ao contrário, 'com todo respeito e sem magoar ninguém', o que eles querem dizer é que somos estranhos. Nossa presença é meio repulsiva.

Ora, porém não fizemos por menos. O que esperar de um grupo de artistas que, em plena luz do dia, se coloca no meio de uma rotatória com cocares indígenas bradando textos, ou um coro de figuras de pijama que anda nas calçadas cantando sambas, imitando cabras, homens vestidos de mulher dançando num ponto de ônibus etc. Definitivamente não 'abrilhantamos o bairro'.

Tem gente que xinga, tem gente que ri, tem gente que tem pena! Gente que fica na janela vendo, gente que fecha portas e janelas...

E nós insistimos - ultimamente tem sido prazeroso dar esse 'encontrão' com o público. Não convidamos para assistir - aparecemos.

Criamos a fama e agora deitamos na cama.



Assim sendo, tenho me interessado cada vez mais em aprofundar essas 'ilhas de desordem'. Me interessa um campo de experiência fora da sede-casa. Me interessa encontrar vizinhos que não tenham tempo ou disponibilidade ou vontade para nos assistir. Porque aí eu me pergunto: O que pode emergir dessa impossibilidade? Diante desse 'encontrão forçado' o que se cria?

Vou em busca, então, de uma cena que incorpore a dimensão e tempo da cidade, ou melhor, onde a cena é o embate desse artista com o que o rodeia. A cena não se dá num campo neutro. A dramaturgia, a narrativa, não estão necessariamente encerradas nas figuras dos atores, mas sim nas relações que eles estabelecem, ou ainda na impossibilidade de estabelecê-las. A cidade é cenário, de fato. O jornalista pode ser

seu parceiro de cena, ou seu antagonista. Sua saída de cena, não a coxia, mas o ônibus de linha... Um olhar cinematográfico ou performático sobre a cena teatral...

E assim, apesar de não ter nascido e nem morar no bairro da Barra Funda, me interesse profundamente em fazer parte do seu presente. Minha aldeia metáfora do mundo. Onde do passado já se sabe um bocado. Onde o futuro não é exatamente um mistério, oráculo maligno ao alcance de todos, uma visão fácil e vulgar do futuro que espera esse bairro... Mas essa visão não interessa, visionar sim.

Acreditar e dar as condições dignas, para que o que entre no campo estético se estetize. E através do Teatro, me aproximar do Homem. Ao Coro retornarás.





(...)
Não prego a guerra nem a paz, eu peço amor!
Eu peço amor em todos os seus beijos,
Beijos de ódio, de cópula ou de fraternidade.
Não prego a paz universal e eterna, Deus me livre!
Eu sempre contei com a imbecilidade vaidosa dos homens
E não me agradam os idealistas.
E temo que uma paz obrigatória
Nos fizesse esquecer o amor
Porque mesmo falando de relações de povo e povo
O amor não é uma paz
E é por amor que Deus nos deu a vida...
O amor não é uma paz, bem mais bonito que ela,
Porque é um completamente!...

Nós somos na Terra o grande milagre do amor!
E embora tão diversa a nossa vida
Dançamos juntos no carnaval das gentes,
Bloco pachola do "Custa mas vai!" ("Agora vai!")

Eu queria contar as histórias
E abre alas que Eu quero passar!
Nós somos os brasileiros auriverdes!
As esmeraldas das araras
Os rubis dos colibris
Os abacaxis as mangas os cajus
Atravessam amorosamente
A fremente celebração Universal

Que importa que uns falem mole descansado
Que os cariocas arranhem os erres na garganta
Que os capixabas e paroaras escancarem as vogais?
Que tem si o quinhentos-réis meridional
Vira cinco tostões do Rio pro Norte?
Juntos formamos este assombro de miséria e grandezas,
Brasil, nome de vegetal!...

(...)
(Mário de Andrade - "Noturno de Belo Horizonte")

"Menino,
tu me recordas
a minha presença
em mim!"

(Mário de Andrade -
Reconhecimento
de Nêmesis)

"Minas Gerais,
fruta paulista...
Fruta que
apodreceu.
Frutificou mineira!
Taratá!"

(Mário de Andrade -
"Noturno de
Belo Horizonte")

ECA BIBLIOTECA
USP



Sempre tive queda pra desatador de nós, habitando mais pra dentro que pra fora. E quase sem querer, por pura paixão adolescente escolhi atuar. Podia-se dizer se tratar de coisa feita pra dar em erro, mas naquela época não sabia o que isso implicava! depois foi tarde pra abandonar! atuar implica adentrar no campo do mistério (euó), e do mistério não se fala, só se vive (como bem soube Penteu). De modo que, o que posso dizer, é que não é fácil! mas imensamente prazeroso!

E eis que me vejo hoje na tentativa de falar sobre mais uma vida em experiência, travestida de teatro. Falar sobre "Barafonda" é falar sobre tanta coisa! dos caminhos individuais e do caminho coletivo; das viagens a tantos mundos, cada um com um sotaque, com seres transcriados, inventados e reais; da Barra Funda, origem, caminhos e descaminhos; de São Paulo, de paulistas, de imigrantes, de mim (nascido e vivente da primeira metade de vida nas Minas Gerais), de teatro. E fomos do mito de Dioniso ao processo de desenvolvimento de São Paulo, passando pela expansão da Barra Funda, com direito a paradas nas histórias pessoais de moradores antigos, e também nossas, moradores recentes. E foram tantas!

Descobrimos que a Barra Funda de outrora não existe mais. Hoje tudo está mudado e continua

se transformando muito rapidamente. Já não existem mais as ruas com quaresmeiras e rebanho de cabras oferecendo leite fresquinho, as sessões de cinema no Teatro São Pedro, os bailes no "São Paulo Chic Show", o trajeto de bonde até o centro, o circo Piolin, o "Cordão da Barra Funda" puxado por Dionísio Barbosa, a música saindo dos porões ao fim da tarde... Coisas que ficamos sabendo porque alguém viveu um pouco disso e ficou vivo pra contar, ainda que a memória nos pregue peças e pinte o passado com cores que lhe convém, jamais poderíamos imaginar muitas dessas coisas. E por nós mesmos descobrimos a possibilidade de alegria no meio da indiferença cor de cinza. E esse é o descobrimento de todo dia. Já descobrimos que existe criança no bairro e que elas continuam crianças! descobrimos que as pessoas ainda gostam de fazer festa, acompanhadas de amigos! descobrimos que os nossos vizinhos, moradores e trabalhadores, são de carne e osso, respiramos o mesmo ar, sentimos o mesmo frio e calor e cada um tem sua história! e descobri que eu gosto de histórias. Talvez a fonte de minha identificação com Mário de Andrade, nesta Barafonda, para além do personagem histórico, tenha sido saber que ele viveu ali, na Rua Lopes Chaves, na Barra Funda do começo do século passado.

Imaginar os caminhos de cada dia, por onde ele e tantos outros andavam! as pessoas a quem dava bom dia, as pessoas a quem dava boa noite, os acontecimentos e não acontecimentos de todo dia, as brigas, as festas, os variados sotaques de variadas culturas. A recriação de um passado que também passa pela lembrança da minha infância, no bairro de uma cidade pequena no interior de Minas, e como isso ainda é vivo dentro de mim!

Muitas histórias... Tem a história pessoal, coletiva, oficial, imaginada, continuada, interrompida, em transformação, por acontecer, acontecida... Possibilidades variadas. E vasculhando esse grande baú, me recordo que sempre gostei de ouvir "causos" Me lembro das muitas vezes, quando criança, em que me disfarçava de pedra para ouvir as histórias dos adultos. Ficava ali quietinho, só ouvindo! De vez em quando o assunto ficava proibido, e eles descobriam o meu disfarce! eu era então retirado, mas jurava que de outra vez me disfarçava melhor!

"O Ladrão" é um caso desses, em que as pessoas contariam e recontariam porque viveram coletivamente! eu se fosse criança adoraria ouvir de cada um as muitas versões! As cores que cada um vai acrescentando, mas e o ladrão? Não importa! "O Ladrão" tem um quê de

vida que não se vive mais em metrópoles. E a quase certeza que é possível visualizar nesse conto de Mário de Andrade, o Bairro da Funda em seus anos primeiros, com todas as figuras desenhadas – o boêmio, o operário, a negra dona da pensão, a italiana, a portuguesa...

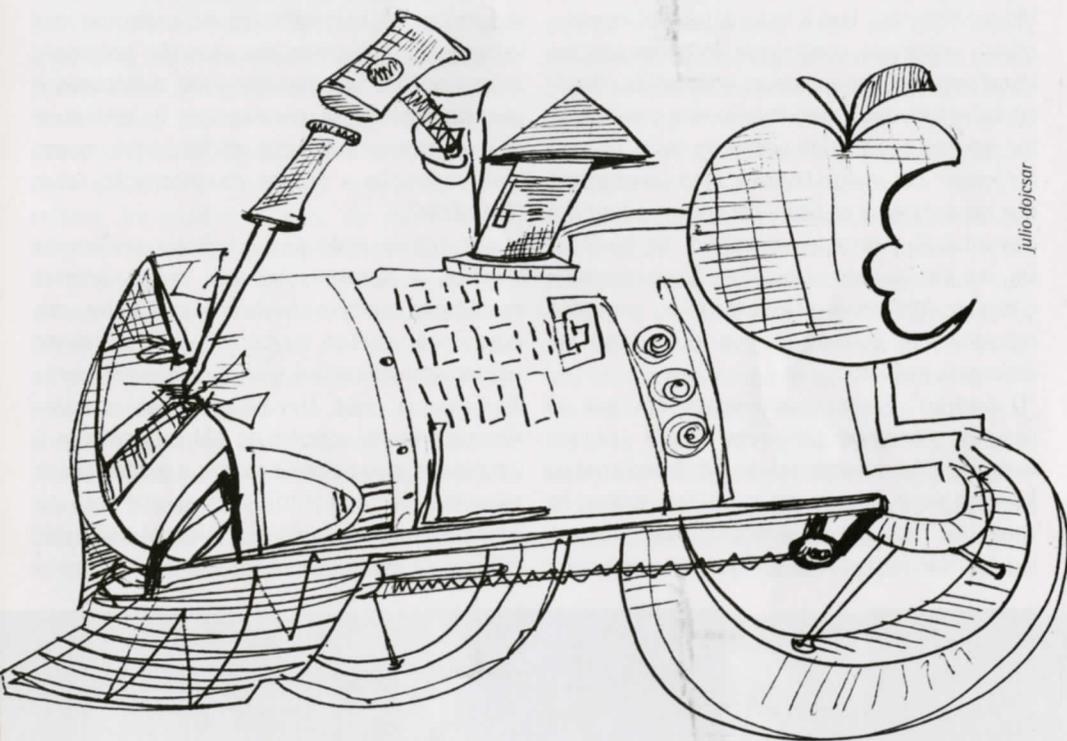
Sobre as coincidências, prefiro acreditar que elas não existem, são conspirações: os livros que apareceram sem nenhuma pretensão entre os dedos em prateleiras de sebo, livraria, casa de amigo; as coincidências de encontrar em leituras tão diferentes assuntos tão próximos; as associações que pareciam tão deslocadas e que de repente se encaixavam; a lembrança de acontecimentos esquecidos... foi quase uma imposição a escolha da encenação sobre "O Ladrão"

E um motivo mais para conhecer melhor os vizinhos, a aproximação com tantos artistas convidados, também envolvidos... se não for uma experiência estética memorável, que ao menos seja um momento em que pudemos compartilhar alguma coisa. Um pretexto para a aproximação! Como o texto de Mário (perdoem a intimidade, mas paixão é assim... a gente quer se aproximar de todo jeito!). Mesmo que seja um equívoco, que seja amoroso! Alegria! que estas histórias se multipliquem em muitas!



GEORGETTE FADEL

**“É sempre na beira do abismo,
na véspera do fim do mundo, na ribanceira”.
É esse estar entre amigos
e tão longe de casa,
essa fissura-demência-fome
de experiência forte de vida.**



>>> O desafio dessa vez, para mim, é quase o de reaprender a viver com intensidade. A maneira como passo meu tempo, o quanto estou inteiramente presente e responsável pelas minhas ações passou a ser uma questão realmente importante de alguns anos pra cá. A estrutura do meu cotidiano estava amarrada. Muita produção, muito trabalho. Mas meu coração não tinha tranquilidade para se envolver. Esse trabalho Barafonda está sendo um freio na minha ambição. Uma reavaliação dos meus valores. Que tipo de saga mítica quero construir? É perda de tempo passar uma tarde inteira vendo o movimento em frente à casa de São Jorge, sentindo o dia passar? E no dia seguinte, e no mês seguinte ir percebendo o coração se alinhar e criar laços de prazer e interesse?



>>> A realidade de sermos formigas diante da marcha irrevogável do mercado imobiliário e suas estratégias das quais fazemos parte. Pra qualquer lugar que se mova, o sair do lugar é ilusão. Penso: então estamos lançando no ar os rudimentos de um futuro pós-merda total? Nossa pequena comunidade onde nos tratamos como irmãos e com alguma liberdade (condição conquistada com muito empenho) não fala e nem tem forças para a instauração de novas ordens de relação no agora. Mas uma nova ordem tem se edificado em minha mente durante esses anos. Uma nova relação com o tempo da vida, o cuidado com o espaço (sede, rua, bairro, cidade, país, planeta), novas aberturas para o inusitado, para a magia. Como meu ritmo estava atrelado às exigências do mercado, da competição, da comparação, do acúmulo, qualquer palavra ou obra ao contrário disso era falsa. Este projeto atual, ao me lançar num tempo cíclico, expandido, poético, me permite perceber nosso real tamanho: pequena chama, mas ainda assim, luz. Muitas vezes ainda me movo com pressa demais em direção a alguma fantasia. Mas estou mais acordada quando isso acontece. Sofro mais.





Em nome do "esculpir o tempo", em nome do viver e criar juntos, em nome do celebrar, do homenagear, do mover energias estagnadas, em nome de conviver, conhecer, ser responsáveis e parte daquele espaço, estamos fazendo festas. Festas na rua. Festa junina, carnaval, aniversário de São Paulo. A gente tem é que começar a comemorar nossos aniversários na rua. Se eu sou parte, se eu sou um com todos, meu nascimento é o nascimento de todos. Ok, sabemos que a humanidade com muito esforço conquistou as cores da individualidade. Mas, se separadas, o mesmo de sempre. Juntas, uma nova cor nunca sonhada. Difícil escolha... Nossas festas estão ainda engatinhando diante do potencial teatral que a gente pensa pra elas. Mas são diversão garantida. Existe um esboço de convergência de caminhos entre as festas e

as cenas, energeticamente muito fortes, e formalmente ainda pouco experimentadas. Mas por exemplo: ouvimos num dos nossos "Sopa e Cachaça" dois irmãos falando de um tempo em que se passava de casa em casa com cabras amarradinhas umas nas outras, em fila (eu imaginei isso??) vendendo o leite tirado na hora. Essa imagem foi forte pra nós. Um dos coros que surgiu nessa primeira etapa foi um coro de cabras. Durante as improvisações, figuras dentro desse coro: uma cabra mais velha, uma mulher e um homem jovens num ritual de fertilização, uma pastora, uma cabrita que some de repente. Tudo cantado e dançado. Esboços de esboços. Mas que já desenham uma narrativa muito simples mas com possibilidade de uma riqueza simbólica grande. Como um bumba meu boi. A festa típica da Barra Funda... Uau!!



>>> Amigos, esse tempo passando para nós é a substância dos nossos gestos de cada dia. O santo arroz com ovo e saladinha, o feijão insuperável do Wagner. O café da cafeteira, os copos de plástico espalhados pela sede, o estar sempre arrumando, limpando, sujando, tirando as coisas de lugar e de novo arrumando pra desarrumar, usar e guardar e recolher os copos, e lavar a loucinha e muita gente nova circulando, e velhos amigos também. E vocês, amigos, parâmetros queridos, onde eu,

carimbada em vocês, reboło com o que me resta: respirar e viver.

>>> Não tenho medo da bagunça e do caos. Estou relaxada. Minhas expectativas não estão me cegando. Sinto o trabalho intenso de todos. Observo a diferença entre nós. O que nos une e nos afasta. Coisas guardadas vêm à luz. Coisas de matéria – instrumentos musicais, tecidos, sapatos, ferramentas, velas, castiçais, caixotes, sinos, lantejoulas, capacetes, bicicletas, tintas, perucas, pincéis – e coisas do criar junto.



>>> Eu quis trazer as figuras do nosso trabalho anterior pra sugerir a possibilidade de trabalharmos não só na estrutura de espetáculos, mas de figuras, criaturas que criam, no decorrer de nossos trabalhos, uma história, uma presença alongada e rica por penetrar em várias estruturas e criar um campo que se desenvolve também ao longo dos anos. Gosto de um tipo de interação que as personagens do **"Quem não sabe..."** começaram a desenvolver com o quarteirão da sede. O teatro é perfeitamente visível, são definitivamente atores. Agindo com seriedade e objetividade, eles passam. Quem quiser que venha, quem tiver pernas que ande, asas pra voar, braços agarrar. Eles existem de fato. Não são menos reais por terem sido criados na língua do teatro. São atores porque trabalham numa zona imaginada e livre que dialoga e coexiste sem medo e sem pedir tanta licença com essa zona dos nossos dias em vão.

>>> Imaginei um coro triplo, três coros, os Pajés, as Luzes del Fuego, e as Louras e Louros da Barra Funda. Imaginei uma ação multiplicada. Imaginei um artista. Um xamã. O espírito dos artistas. Assisti num filme uma cena e me inspirei. Era um ritual tibetano de incorporação, lindíssimo. "Um índio descerá de uma estrela

colorida, brilhante." Então entendi que meu coração pedia que eu tentasse materializar essa força de transmutação na figura desse artista e seu tríptico coro, esses agentes da liberdade e do amor. E aí meu pai. Meu pai me trazia pra São Paulo, pro trabalho dele que era na Fepasa, na Barra Funda. Meu pai é ferroviário, engenheiro tabalhador, artista honesto cujo prazer é fazer bem feito, cara perfeccionista, amante de café e cigarro, amante de metal e madeira, como quem não quer nada faz o cabo da faca da mamãe, uma cigarreira do tamanho exato do cigarro feito a mão, em um instante faz um anel de um tubinho de cobre do aspirador de pó porque eu tinha perdido o meu. Artista que cultua o ato, desenvolve, gera a flor daquela ação. O cara que me ensinou a cuidar O filho da imigração. Que acredita no progresso, mas no decorrer do tempo percebe que é o poder que está em jogo.

>>> A construção de uma dramaturgia. O desespero pra forçar uma inteligência dramática. Lembro do querido Luis Alberto Abreu falando que o caminho do ator é inverso ao trabalho do dramaturgo. Entendo um monte de coisa aí. Ele descreveu a imaginação do dramaturgo construindo a história, a paisagem, buscando o ponto que toca, a força máxima de uma situação, e empurrado por isso escreve.

O ator, diante das palavras escritas, vai lançando a sua própria imaginação ao encontro de algum possível porto de imagens vivas, do qual as palavras sejam parte. Penso: estou com certeza mais acostumada a ler e dar carne para a imagem sonhada ou escrita. Penso pra tranquilizar e animar: posso ser simples.

O fato é que até esse momento não consegui traduzir num diálogo interessante o encontro entre esse xamã-espírito da arte e esse ferroviário, entre eu e meu pai, entre a minha arte e o cuidado dele com a existência. E em instâncias mais amplas: a Barra Funda, qualquer espaço, precisa de cuidados. Precisa ser tratado, cultivado, aquecido, habitado, festejado. Quero promover o encontro entre artistas-oficiais e os artistas-homens. Algo como um encontro de reconhecimento dos que são na verdade um só, mas para maior rentabilidade dos negócios, se olham como estranhos.

>>> Uma estrutura que possa ser passada como um jogo. Um trabalho que pode ser realizado com um grupo de pessoas de um determinado lugar. Personagens inspiradas em personagens. Pontos de partida.

>>> Os workshops se tocam. Tchê traz o conto do Mário. Um ladrão. E Paula improvisa sobre o roubo-sumiço da cabra de um chifre só. Galvez

está presente em quase todos as cenas. Sua casa quase nossa vizinha. E Artaud também reclama participação no tal arquétipo.

>>> Sou Dona Gio (ou Dona Passione para os invejosos), sou Dona Gema (ou outros nomes de que me chamam). As duas servem café. Sou a cabrita perdida de um chifre só. Sou a "high society" que passeia entre os cadáveres pestilentos, sou dzi crackete, sou eu mesma depois de morta, 300 anos depois?? Sou o maestro da bandinha!!! O que mais, o que mais, o que mais?? Sinto um ambiente bom de festa. Lembro das horas me arrumando para o carnaval de rua de Laranjal, criança, adolescente. A gente gritava muito e não parava de rir de pura ansiedade da brincadeira.

Tenho certeza que tem a ver com o fato de estarmos construindo também os nossos objetos e figurinos, essa oficina o tempo todo, cola quente, botões, rolos de papel, canetinha, grampeador, fita crepe, barbante, madeira, tudo pra ser mexido e aprendido. E a casa de São Jorge está movimentada. Essa circulação de gente querida que se aproxima pra juntar forças irriga o solo demais.

>>> **Uma construção em camadas, no decorrer dos anos. Que se faz imperceptivelmente e de repente está lá. Por enquanto estamos aqui.**

Encontro 1. Artista

Eu ontem acordei artista, do alto da minha alegria e esperança, com o peito cheio de cortes profundos, emoções, lembranças, dor e canto, ainda de pijama, parei na bordinha da cadeira que havia posicionado pra fazer a maior cena da minha vida. Ali bem próximo da janela onde podia ver toda a cidade e já com as mãos posicionadas como aquelas imagens dos grandes atores representando o tão sonhado shakespeare, pensei: O que eu faço agora? O meu corpo estava tomado por uma sensação nunca antes vivida, meus olhos brilhavam a luz dos mundos inatingíveis, mas algo me encasquetava, O QUE FAZER AGORA? A cena já não importava mais, pelo menos aquela ali trancada no meu quarto como se eu fosse uma espécie de bibelô do mato se satisfazendo dentro do seu castelo de vidro à espera de quem? Mas essa nova vida, esse novo impulso que tomava conta de tudo, tinha que ser levado pro mundo, tinha que ser vivido, trocado, esmagado, revirado, eu queria, eu podia. Naquela manhã após sair de casa, o mundo me engoliu e eu engoli as tripas do mundo. Meus olhos funcionavam como gigantescos faróis de grilos gigantes. Minhas mãos comiam a terra e minha boca abocanhava no ar os versos dos poetas vividos antes da escrita. Não estava sendo fácil, mas era de um prazer incrível. Ser artista. Nas calçadas da Paulista cantei e os motores do carros foram a grande orquestra que me acompanharam durante quatro horas e trinta minutos que meu fôlego resistiu sem respirar. Na marquise do Teatro Municipal dancei os passos dos transeuntes alucinados engolidos pelo poderoso Anhangabaú. Olhei nos seus olhos e impulsionado pelo grande Hermes parti voando pelas ruas da cidade que se tornaram

prolongamentos do meu corpo. E já nas redondezas da Barra Funda, brinquei de pintar a Barra de baixo e a Barra de cima, lancei barris de tintas no Minhocão, colori, colori, colori, até entender que o cinza também era cor. Que o marrom também era cor. Por um momento aquela ponta de angústia trazida pela pergunta lá de cima voltou. Respirei, desci pela rampa do elevador, comi um pedaço de pizza na Padaria Palmeiras e já sem tanto brilho, fui tomar um café com seu Miguel Arcanjo, barbeiro há 30 anos da rua Lopes de Oliveira, 527 - Barra Funda. Entre palavras e goles, muitas histórias foram contadas. Aquele artista da fala, da barba e do cabelo me empurrou para novas caminhadas. Bati na casa de Mário de Andrade, li alguns poemas e o convidei para um passeio. Fomos para a residência de Mazzaropi e ele topou tomar uma cerveja com os amigos do Circo Piolin, lá encontramos Geraldo Filme e seus parceiros, de samba, que também nos convidaram a visitar a casa do Pintor Raphael Galvez. Já éramos mais de trinta, andando e cantando pelas ruas do bairro. Ao chegar no ateliê do pintor, encontramos uma pequena casa velha, a porta estava entreaberta, um facho de luz surgia de uma janelinha de vidro. Todo o ambiente estava repleto de quadros, esculturas e materiais de trabalho. Mas Galvez não estava lá. Estavam todas as suas obras, seus escritos, seu avental, seu terno marrom e seus óculos. Alguém me soprou que Galvez não comercializava seus quadros, dizia que eram seus filhos. "Você venderia um filho?" dizia o artista. Após apreciar cada trabalho, cada pincelada desse trabalhador da arte, virei para os que me acompanhavam e perguntei se eles sabiam onde estava o nobre pintor.

Um silêncio infinito tomou conta do ar, aos poucos o chão debaixo dos nossos pés começou a tremer, sentimos a batida, o pulsar de algo muito forte que vinha do fundo da terra. Talvez maliciosamente apareceu e abriu uma porta do lado esquerdo do atelier. O som ficou mais forte. Descemos para o porão e fomos tomados por uma festa regada a cachaça, samba, sangue e muita comida. Todos os porões do bairro estavam interligados, túneis foram construídos pela população negra há muitos anos atrás para que festas e encontros como aquele acontecessem, sem que os poderosos patrões soubessem. Nos acabamos de dançar, nos acabamos de beber, nos acabamos de conversar e de morrer. Acabei dormindo em homenagem aos antigos e atuais massacrados da Barafonda. E no dia seguinte acordei na calçada da rua Lopes de Oliveira, 342. Estava todo sujo, rasgado e fedido. Um morador de rua caminhava lentamente lá no final da rua, ao seu lado, um pequeno vira-lata. Nos olhamos fixamente, a rua estava vazia, eu já não podia mais, eu já não queria mais. O homem-mendigo-morador de rua-eu sentou do outro lado da calçada, quase de frente pra mim e disse: - Eiii, o que a gente faz agora? E começou a rir. Rindo partiu. Já eu, ainda artista, mas um pouco deprimido escrevi:



O mais urgente não me parece tanto defender uma cultura cuja existência nunca salvou qualquer ser humano de ter fome e da preocupação de viver melhor, mas extrair, daquilo que se chama cultura, idéias cuja força viva é idêntica a da fome.
Artaud – "O Teatro e Seu Duplo" – Prefácio: "O teatro e a Cultura"

Encontro 2. O Teatro e A Peste



Era uma dia normal como qualquer outro. Segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo. Era domingo, um domingo daqueles lindos, dia de sol, assim como as segundas que também podem ter sol, mas sempre nos reservam alguma surpresa. Era dia de festa, domingo de festa, festa de São João, mas também poderia ser qualquer celebração, desde de que fosse repleta de comida, bebida, música ao vivo, diversão. No caso, era a festinha junina da Cia São Jorge. Estávamos nos preparativos, montando barraquinhas, bandeiras coloridas, balões, organizávamos as prendas. A fogueira já estava posicionada, mas ainda não era o seu momento. Tudo ia bem, o público ainda não havia chegado. Eu trazia na mão uma bandeja cheia de copinhos de arroz doce e canjica que preparara durante a manhã. Ao atravessar a rua conversando com meu amigo André Capuano, avistamos um morador de rua e logo a sua frente as fezes de um cachorro. O seu jeito de andar nos chamou atenção, intrigados fixamos o olhar no homem, algo nos prendia à visão. A partir daqui seguem-se três relatos diferentes e simultâneos que vivemos e tivemos ao mesmo tempo ao assistir essa cena de barbárie.



Relato 1 _Um homem (morador de rua) se aproxima lentamente das fezes do cachorro e sem tocar o chão com as mãos, apoiando somente os joelhos e esticando o pescoço e a cabeça em direção à merda, come as fezes.

Relato 2 _Um homem, de mais ou menos 50 anos, de barba por fazer e cabelos enrolados, com uma roupa quase social, um pouco batida, se aproxima dançando em direção e para as fezes, como se estivesse num rito de candomblé, numa dança antiga, num gesto ancestral sem tocar as mãos no chão, dança com as fezes e se alimenta delas.



Relato 3 _Um homem? Um bicho? Um homem-bicho, se aproxima lentamente das fezes de um cachorro. Como é um bicho, não se alimenta com as mãos, ele aproxima seu rosto, sua boca quase focinho das fezes e come a merda do cão.

Relato 4 _Após se alimentar, ergue a cabeça e parte pela rua em direção à barraca do cachorro-quente. Participa da festa dentro da sua condição social até ir embora depois que a fogueira é acesa.

Foi assim, com essa cena triste e forte, que surgiu a idéia de encenar na Rua Lopes de Oliveira, o texto "O Teatro e a Peste" de Antonin Artaud. E com esse encontro, muitas perguntas... Que homem é esse? Que artistas somos nós? Que tipo de artistas temos que ser para criarmos entre os escombros? Pra quem fazemos teatro?

Nunca se viu tanta pobreza e tanta gente na rua como agora. Pessoas literalmente apodrecem nas ruas. Que peste é essa que estamos vivendo?



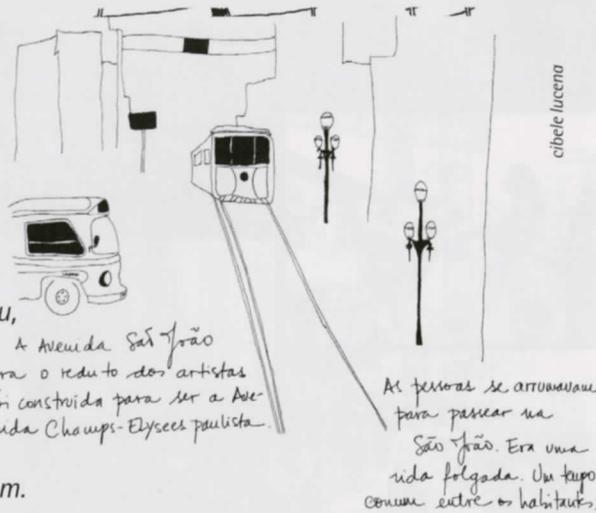
FIM DA MINHA AUTOBIOGRAFIA POR RAPHAEL GALVEZ

Pintor e escultor, morador da rua Lopes de Oliveira, falecido em 1998.

Aqui acaba a história contada por mim neste meu livro, história verdadeira que expressa uma parte dos fatos que passei relacionados com as pessoas e as coisas do meu tempo.

A minha vida foi de pobreza e sempre sem nenhuma fartura, porém a miséria nunca me incomodou, vivi sempre alegre, esperando dias melhores que não sei se vieram. Porém o meu alimento do espírito foi sempre farto e abundante, nunca neguei esse alimento a ninguém.

Eu não sei se fui bom, ou mau para com os outros. Na minha pobreza eu fui sempre rico, muito rico de liberdade íntima, as cadeias das imposições nunca me prenderam, as minhas ambições foram sempre espirituais, as materiais nunca existiram.



A Avenida São João era o reduto dos artistas. Foi construída para ser a Avenida Champs-Élysées paulista.

As pessoas se arrumavam para passear na São João. Era uma vida folgada. Um tempo comum entre os habitantes.

cibele lucena

Eu fui crente e descrente, tive e tenho um grande amor e esse amor é a arte.

Voei alto e bem distante na minha imaginação, talvez tenha chegado aos mundos desconhecidos.

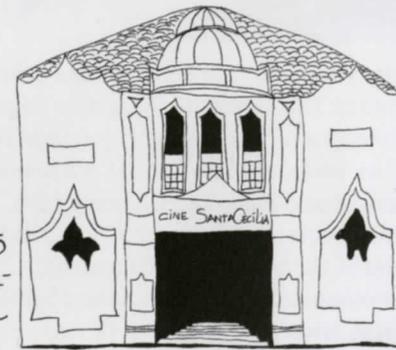
Sempre admirei o valor do meu próximo, sem porém invejá-lo.

Respeitei os mestres do passado, amando os mestres do presente.

Viajei pela Itália, pela França, pela Grécia, pelo Egito, vi as maravilhas Etruscas, Árabes, Germânicas, Saxônias e Ibéricas, mesmo sem nunca ter estado nesses países. Fui amigo de Rafaello, Michelangelo, Masaccio e Donatello; conheci Velásquez, Rembrandt, Fídias, Leonardo, Giorgione, El Greco, eu me ajoelhei na frente dos quadros de Giotto.

Estive na casa de Beethoven e ouvi a terceira, a quarta, a quinta, a oitava e a nona sinfonia, falei com Isaac Albéniz, com Johann Sebastian Bach, com Vivaldi, com Monteverdi, com Giovanni Battista Pergolesi, Gioacchino Rossini, com o qual fiquei muito alegre, admirei a grandeza de Giuseppe Verdi e fiquei comovido com Vincenzo Bellini, e amei a música de Frederico Chopin, e nunca esqueci as injustiças praticadas contra o nosso grande compositor patricio o maestro Carlos Gomes.

Vi a torre de Pisa, o Panteão Grego, com as figuras em mármore de Fídias, vi as pirâmides e a esfinge, vi a estátua Eqüestre do Colleone, de Andréa Verrocchio, vi o perso de Benvenuto Cellini, vi o Moisés de Michelangelo, tudo isso eu vi no meu sonho de crente.



No número 215 da Avenida General Olímpio da Silveira havia um cinema, monumento dos anos 30, conhecido por seu famoso luminoso em forma de dragão.

Entre tantos outros pontos luminosos, o teto da sala de exibição, mais parecia um céu

Durante as projeções, as pupilas iluminadas das figuras de bronze exerciam um efeito quase hipnótico.

Era o Cine Santa Cecília, mais que uma sala de cinema, foi um espaço único na São Paulo daquela época.

cibele lucena

Amei esta vida mesmo com todos os seus percalços, achando apenas que ela é curta demais.

Deus, se foi o criador, estava certo quando quis dar a vida eterna para o homem, talvez assim ele pudesse se realizar.

Espero que realmente haja reencarnação, para podermos tirar as diferenças das coisas que não foram realizadas nesta primeira vida.

E se isso for verdade, gastarei a nova vida com muito mais controle e com mais realizações, pois o que fica são as obras.

Cada minuto que passa é uma esperança a menos e é por isso que devemos lutar até o fim, e vitória nos é apontada pelo escultor Andrea Verrocchio, com a sua estátua Eqüestre.

cibele lucena



A Barra Funda abrigou nos anos 30 a magna do Circo Piolin. Abelardo Pinto, o famoso palhaço Piolin, posou na Praça Martchal Diodoro com seus trapézistas, equilibristas e enfileiros de fogo.



Núcleo artístico: Alexandre Krug, Georgette Fadel, Marcelo Reis, Mariana Senne, Patrícia Gifford, Paula Klein, Rogério Tarifa | Preparação vocal: Luiz Gayotto | Preparação corporal: Jorge Garcia | Coordenação de oficinas para confecção de cenografia, figurinos e adereços: casadalapa – Júlio Dojcsar, Silvana Marcondes | Programação visual: casadalapa – Sato | Foto: Cacá Bernardes | Vídeo: Bruna Lessa | Equipe vídeo: Aloisio Azevedo, Bruna Lessa, Rafael Nadai, Silmara Faria, Talita Correa, Tucci Fattore > Assessoria de imprensa: Frederico de Paula | Direção de produção: Carla Estefan | Assistência de produção e cenotécnica: Glauber Pereira | Colaboração: André Capuano | Limpeza, consertos de última hora, apoio geral: Dona Vera | Encontros/provocações teóricas: Sandra Sproesser, Otilia Arantes, Bernardo Lynch, Iná Camargo Costa, Lucas Janoni, Luís Alberto Abreu | Encontros/provocações práticas: Ilo Krugli, Juliana Monteiro, Marcos Davi | Colaboração especial em material de intervenção PI – Política do Impossível | Artistas criadores convidados: Ademir de Almeida, Adriana Aragão, Amanda Balice, Anderson D’Kássio, André Capuano, Angela Maria Prestes, Bárbara Bonnie, Carolina Callegaro, Ciro Godoy, Clara Gouvêa, Cristiane Gomes, Dárcio de Oliveira, Eric de Oliveira, Fábio Resende, Fernanda Machado, Glauber Pereira, Gustavo Guimarães, Harley Nóbrega, Jonatã Puente, Jonathan Silva, Jordana Dolores, Jorge Garcia, Josy Mattos, Juan Velásquez, Juliana Amorim, Jussane Pavan, Kelly Cristina, Laila Padovan, Leandro Rosario, Leo Crochik, Luanah Cruz, Luciana Gabriel, Luiz Gayotto, Márcio Rodrigues, Mariana Barcellos, Mariana Piza, Marilda Alface, Marina Donati, Marina Provenzano, Mauro Grillo Gentil, Max Raimundo, Miguel Arcanjo, Patricia Faolli, Rafaela Carneiro, Raquel Rodrigues, Rodrigo Pirituba, Sabine Marien, Vanessa Carvalho.

A todos aqueles com quem compartilhamos as alegrias e angústias da criação, que nos ofereceram desinteressadamente seu trabalho em suas múltiplas e variadas formas, que nos ofereceram carinho e apoio, que nos suportaram em nossas infinitas buscas... a todos aqueles que se sentiram fazendo parte na construção dessa Barafonda, nosso mais profundo agradecimento.

PROGRAMA MUNICIPAL DE
**FOMENTO
TEATRO**

 **PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO**
SECRETARIA DE CULTURA

 **COOPERATIVA
PAULISTA
DE TEATRO**

EXPEDIENTE

Projeto gráfico: Sato - casadalapa > Ilustrações: Julio Dojcsar - casadalapa | Cibele Lucena > Assistência de arte: Amanda Vieira > Fotos: Cacá Bernardes | Alexandre Krug | Cau Vianna > Edição: Cia São Jorge de Variedades > Revisão: Alexandre Krug > Direção de Produção: Carla Estefan > Ass. de Produção: Glauber Pereira > contato > Tel. [11] 3824.9339 > E-mail: ciasaojorge1@yahoo.com.br, ciasaojorge@gmail.com | www.ciasaojorge.com.br